



CORPO-FALA-FALATÓRIO: A POÉTICA DE STELLA¹ DO PATROCÍNIO

Ariane de Andrade da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/CAPES)

E-mail: profarianedeandrade@gmail.com

RESUMO: Este artigo propõe-se a refletir sobre o trabalho poético de Stella do Patrocínio no espaço literário brasileiro como representação contra-hegemônica do saber frente a necroprojetos de apagamento de sujeitos que não atendam a padrões hegemônicos de poder. Do Patrocínio, foi mulher negra, pobre e carioca, internada forçadamente aos 21 anos em instituição manicomial na cidade do Rio de Janeiro. As falas poéticas de Stella foram gravadas em fitas cassete, no final da década de 1980, no Ateliê das Artes, projeto realizado no Pavilhão das Mulheres, na então Colônia Juliano Moreira. Seu trabalho poético foi organizado por Viviane Mosé, no livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, publicado postumamente em 2001. Em vista disso, objetiva-se aqui discutir a inscrição de Stella do Patrocínio como poeta brasileira, pensando em como seu falatório materializa 3 décadas de vivências e percepções poéticas de um corpo-mulher-negra enclausurado. Para tanto, nos serão urgentes, fundamentalmente, a discussão sobre lugar de fala, de Ribeiro (2017); as perspectivas teóricas sobre a descolonização de conhecimentos, de Kilomba (2019); o conceito de desobediência epistêmica, de Mignolo (2008); a ecologia de saberes e sistemas de conhecimento, de Santos (2007); assim como o conceito de escrevivência, de Evaristo (2020).

Palavras-chave: Stella do Patrocínio. Falas poéticas. Corpo negro. Sujeito epistêmico.

BODY-SPEECH-UTTERANCE: STELLA DO PATROCÍNIO'S POETICS

ABSTRACT: This article aims to reflect on the poetic work of Stella do Patrocínio in the Brazilian literary space as a counter-hegemonic representation of knowledge in the face of necroprojects, that erase subjects that do not meet hegemonic standards of power. Do Patrocínio was a Black, poor and carioca woman, forcibly committed when she was 21 in an asylum in the city of Rio de Janeiro. Stella's poetic utterances, recorded on cassette tapes, by the end of the 1980s, were later organized by Viviane Mosé in the book *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, published posthumously in 2001. Hence, this paper aims to discuss Stella do Patrocínio's inscription as a Brazilian poet, considering how her utterances materialize three decades of poetic experiences and perceptions of a confined Black-woman-body. For that, the discussion about *lugar de fala* (standpoint), by Ribeiro (2017); the theoretical perspectives on the decolonization of knowledge, by Kilomba (2019); the concept of epistemic disobedience, by Mignolo (2008); the ecology of knowledge and knowledge systems, by Santos (2007); as well as Evaristo's concept of *escrevivência* (2020) are fundamental to our understandings.

Keywords: Stella do Patrocínio. Poetic utterance. Black body. Epistemic subject.

¹ Opto neste artigo pela grafia do nome de Stella do Patrocínio com duas letras L pautada na pesquisa de campo realizada por Anna Zacharias (ZACHARIAS, 2020), pois a pesquisadora localiza o R.G. de Do Patrocínio no Detran/RJ, confirmando a adequação da grafia em questão.

É dito: pelo chão você não pode ficar
Porque lugar da cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo
Pelas paredes você também não pode
Pelas camas também você não vai poder ficar
Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar
Porque lugar da cabeça é na cabeça
Lugar de corpo é no corpo.
Stella do Patrocínio

No poema acima transcrito, a poeta brasileira Stella do Patrocínio imprime seu olhar, transmutado em fala poética, sobre a clausura e a permissão da existência. Em linhas plásticas, *Do Patrocínio* materializa o sentimento de aprisionamento de um Eu que tem negada a permanência de seu próprio corpo em determinado local. A ocupação de espaços privados, como a cama e o chão, por exemplo, não lhe são permitidas, restando ao sujeito a existência em si próprio, isto é, o corpo é o único lugar onde lhe é autorizado permanecer. Note-se também que na repetição do verbo poder, nas sentenças “você não vai **poder** ficar” (PATROCÍNIO, 2001, p.52. **Grifo meu**), o agenciamento de si não é facultado ao sujeito, e esse mesmo Eu paira flutuante, vagando. Assim, se nenhum lugar é opção, nem mesmo o espaço vazio, então, qual o lugar de um corpo, e acrescento, de um corpo negro-mulher? E é nos falatórios de Stella que encontraremos a resposta: na fala.

Stella do Patrocínio foi uma mulher negra, pobre e que nasceu no Rio de Janeiro, em 09 de janeiro de 1941. Aos 21 anos, sofreu uma internação manicomial forçada e recebeu diagnóstico de esquizofrenia, sendo levada para o Centro Psiquiátrico D. Pedro II, no Engenho de Dentro, bairro do Rio de Janeiro. Em 1966, foi transferida para a Colônia Juliano Moreira, também no Rio de Janeiro, local onde permaneceu internada até sua morte, em 1992. Ao todo, foram 30 anos de clausura. Repito: 30 anos de clausura, de encarceramento. Como afirmou Ricardo Aquino (2001), então Diretor do Museu Bispo do Rosário, antigo Museu Nise da Silveira, Stella foi

sobrevivente do processo de mortificação característico das estruturas psiquiátricas arcaicas e tradicionais, os asilos. Nestes, há o apagamento das individualidades, da subjetividade, do desejo e da singularidade. As pessoas ficam reduzidas a um amontoado, sem formas e sem rosto. O uniforme é apenas símbolo da real uniformização da impessoalidade. O tempo é o tempo da morte. (AQUINO *apud* PATROCÍNIO, 2001, pp.13-14)

As falas poéticas de Stella do Patrocínio representam um olhar para três décadas de

espaço psiquiátrico. Seu falatório, nome dado por Stella à sua própria prática enunciativa, foi gravado no final da década de 1980, por duas estagiárias, de Artes e Psicologia, respectivamente, Carla Guagliardi e Mônica Ribeiro de Souza. Ambas as estagiárias realizavam trabalho de cunho voluntário no Ateliê de Artes Plásticas, em 1986, projeto ocorrido no Pavilhão das Mulheres, Núcleo Teixeira Brandão, na então Colônia Juliano Moreira, a convite da psicóloga Denise Corrêa. A artista plástica e, na época, professora na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Nelly Gutmacher, e a estagiária Carla Guagliardi, foram as responsáveis pela gravação das falas de Stella em fitas cassete de 1986 a 1988. Em 1991, a também estagiária de Psicologia, Mônica Ribeiro de Souza, fez transcrição de algumas falas de Stella para o papel, assim, pela primeira vez o trabalho poético de Do Patrocínio viajou da oralidade às linhas escritas. Em 1989, os trabalhos desenvolvidos pelas internas do Pavilhão Feminino do Colônia Juliano Moreira culminaram na exposição “Ar Subterrâneo”, no Paço Imperial, no Rio de Janeiro.

Ao refletir sobre a produção de Stella do Patrocínio durante as oficinas propostas pelo Projeto voluntário Ateliê de Artes Plásticas, a pesquisadora Viviane Mosé (2001) ressalta a diferença entre a produção da poeta e das outras internas participantes. Mosé afirma que Stella

era diferente, ela parecia se organizar neste limite, nesta tensão entre ordem e ausência de ordem. Sua palavra é capaz de se manter sem se sustentar, necessariamente, nos limites subjetivos, gramaticais e lógicos, ou seja, não é exatamente este tipo de ordenação que sua linguagem ou seu psiquismo buscava. Ousaria dizer que Stella se sustentava em uma ordenação delirante, uma ordenação móvel, fundada na afirmação de sua própria fragmentação. [...] Stella falava de sua condição como quem se vê de fora, o que quer dizer se desdobrar, ou seja, produzir uma dobra sobre si mesma. Mais do que isso, Stella falava de sua própria fala, o que implica em uma operação ainda mais elaborada: falar sobre o falar nada mais é do que mais uma vez se desdobrar. Esta perspectivação operada por seu pensamento me fez entender que não se tratava de um jorro inconsciente - Stella sabia da importância de seu ‘falatório’. (MOSÉ *apud* PATROCÍNIO, 2001, pp.24-25)

Segundo Mosé (2001), Stella também possuía escritos em papelão, mas, nada fora encontrado para registro. Não se conhece ou se teve acesso à sua produção escrita. Nesse sentido, o trabalho de organização de Viviane Mosé foi definidor para que o nome de Do Patrocínio ganhasse visibilidade e circulação no meio literário. A pesquisadora deixa em evidência que a obra *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* trata-se de uma transposição escrita das falas de Stella, apesar disso, Mosé ressalta que “entre a fala de Stella

e este escrito, existe e existirá sempre um hiato” (PATROCÍNIO, 2001, p.26), pois a emoção das falas poéticas da autora não são totalmente abarcadas pela escrita.

A discussão sobre a mediação e a edição do falatório poético de Stella do Patrocínio foi um dos pontos centrais da Dissertação intitulada *Stella do Patrocínio: da internação involuntária à poesia brasileira* (2020), de Anna Zacharias. No trabalho, a pesquisadora reflete sobre o processo de publicação do livro de Stella do Patrocínio, sobre a inserção de Stella à categoria de poeta, no cenário da Literatura Brasileira. Pensando nisso, neste artigo também nos interessa refletir sobre a intervenção efetivada pela organizadora Viviane Mosé, no livro intitulado *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, único livro de Do Patrocínio, editado e publicado postumamente em 2001.

Para tanto, comecemos por reler a perspectiva teórica conceituada por Ribeiro (2017). Em *O que é lugar de fala?* (2017), a filósofa Djamila Ribeiro discute como “as opressões estruturais impedem que indivíduos de certos grupos tenham direito à fala, à humanidade” (RIBEIRO, 2017, p. 67). Para a construção do conceito de lugar de fala, a pesquisadora traça um interessante percurso teórico, em diálogo com o conceito de discurso utilizado por Michel Foucault, que o entende como um sistema que estrutura determinado imaginário social. Outra profícua ponte teórica estabelecida por Ribeiro é a reflexão feita no campo da comunicação, que associa lugar de fala a posições sociais simbólicas ocupadas pelos sujeitos. Ribeiro afirma que

quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento. (RIBEIRO, 2017, pp. 26-27)

A articulação de saberes é, desse modo, de suma importância para a construção de pontes epistemológicas não hegemônicas, e também para o reconhecimento de produções literárias de sujeitos que não atendam a padrões hegemônicos de educação formal, raça, gênero e classe, como foi o caso de Stella do Patrocínio. A recuperação dos escritos de Stella possibilita a sua humanização pela escrita. A produção poética de Do Patrocínio vai na contracorrente de discursos hegemônicos, por isso mesmo, sua edição e organização na contemporaneidade representam uma forma de enfrentar e combater necroprojetos de apagamento e silenciamento de um corpo – negro-mulher – descartável aos olhos do Estado.

No ensaio *Necropolítica* (2018), o intelectual camaronês Achille Mbembe discute a existência de modelos contemporâneos de “submissão da vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2018, p.71). Ao definir *necropolítica* como o poder e a “capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2018, p.5), Mbembe pensa em como o presente é marcado por estratégias de aniquilação e exploração de corpos lidos como descartáveis - pretos, indígenas, pobres, mulheres. Esses corpos-alvo, vítimas de *Racismo de Estado*², representam grupos cujo extermínio é naturalizado, banalizado, permitido. Para o autor, sob o discurso de manutenção da ordem, Estados praticam políticas de mortes, fazendo uso de licenças para matar - física, intelectual e simbolicamente, grupos sociais minoritários.

A manutenção de estruturas coloniais na contemporaneidade dá-se, nesse sentido, e também, por meio de necroprojetos, ou seja, por meio de manifestações das políticas de morte, projetos de aniquilação e reforço à desumanidade desenvolvidos por instituições que detém o poder de decidir quem deve morrer. Pensando nisso, podemos afirmar que Stella do Patrocínio foi duplamente alvo de necroprojetos: primeiro, pela privação da sua liberdade; depois, pela negação de sua poética.

Em *Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes* (2007), Boaventura de Sousa Santos evidencia que a modernidade ocidental perpetua lógicas de opressão coloniais e cria modelos de violência, subalternizando sujeitos. Um desses projetos de aniquilação é o epistemicídio, o extermínio a formas de conhecimentos que não atendam à norma ocidental. Para o sociólogo, o “pensamento moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que separam o mundo humano do mundo subumano” (SANTOS, 2007, p.76). Nesse sentido, segundo Santos, o pensamento moderno é um pensamento abissal, posto que fomenta a manutenção de perspectivas abissais de totalidade e unidade. O crítico afirma e defende, por isso mesmo, que “o pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul” (SANTOS, 2007, p.85).

A opção por uma epistemologia do Sul global implica renunciar a qualquer epistemologia geral, isto é, é necessário reconhecer a pluralidade como fundamento chave do sistema de conhecimento. Para Boaventura de Sousa Santos, uma ecologia dos saberes demanda uma lógica contra-hegemônica do saber, abarcando e reconhecendo conhecimentos

² Ver Achille Mbembe, **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018, pp. 16-37.

não-científicos e não-ocidentais como locais de episteme. Assim, o teórico afirma que “o pensamento pós-abissal tem por premissa a ideia da inesgotável diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (SANTOS, 2007, pp.85-86), por isso mesmo, a noção de interconhecimento é fomentada por Santos, isto é, a percepção e práxis de entender os conhecimentos como sistemas heterogêneos que atuam melhor em comunhão.

Idealizada pela escritora, teórica e artista Grada Kilomba, e realizada em 2016, a palestra-performance *Descolonizando o Conhecimento: uma palestra-performance* vai na mesma direção ao expor as violências, silenciamentos e apagamentos praticados contra sujeitas e sujeitos fora do cânone epistêmico. Kilomba discute as nuances da lógica de exploração colonial perpetuada na contemporaneidade. Ao hibridizar vários formatos em suas produções artísticas, ao mesmo tempo em que discute questões de gênero, raça, memória e trauma, a produção de Grada Kilomba promove em si mesma o descentramento do olhar, questionando lógicas sacralizadas de saber, decolonizando conhecimentos, praticando desobediência epistêmica.

Em diálogo contemporâneo com a reflexão de Aníbal Quijano, no clássico texto deste teórico, *Colonialidad y modernidad/racionalidad* (1992), Walter Mignolo (2008) expõe que o pensamento decolonial³ relaciona intrinsecamente teoria e prática, isto é, o fazer decolonial implica assumir projetos de atuação efetiva na busca pela quebra da lógica da colonialidade. Para Mignolo (2008), praticar desobediência epistêmica significa adotar práticas que desierarquizem os saberes, rasurando e abandonando a lógica da razão imperial/colonial. Em texto mais recente, Mignolo (2019) reflete sobre como a matriz colonial de poder, a colonialidade, sustenta um projeto global ocidentalizador, ou seja, a colonialidade sustenta um projeto de negação à pluriversalidade de práticas, produções e construções do saber. O teórico reforça que a existência do sujeito dentro do domínio da colonialidade do conhecimento significa que este mesmo sujeito está submetido a lógicas de desumanização efetivadas por narrativas hegemônicas. É nesse sentido que a proposição de Walter Mignolo é pela substituição da geopolítica do conhecimento Ocidental, rompendo esta lógica que se quer

³ A escolha pelo termo “decolonial” ancora-se nas reflexões teóricas do sul global, empreendidas fundamentalmente pelos intelectuais Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Maria Lugones, e também por Boaventura de Sousa Santos. O termo decolonialidade refere-se à continuidade da estrutura de poder colonial que se mantém mesmo ao fim dos períodos de dominação colonial. Nesse sentido, o pensamento e a práxis decolonial estão associados a ações de enfrentamento à colonialidade e às estruturas de opressão da modernidade.

superior epistemologicamente.

Ainda nesse sentido, em palestra ocorrida no Painel *A revolução Carolina* como parte da Festa Literária das Periferias, FLUP Digital 2020, a escritora e teórica Conceição Evaristo discutiu criticamente a manutenção de estruturas coloniais de poder que engendram tentativas constantes de silenciamento das produções intelectuais negras. Ao pensar sobre a obra da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus, Evaristo refletiu sobre a necessidade de subverter lógicas perversas de construção de saberes, sobretudo a lógica ocidental que restringe o conhecimento ao *locus* acadêmico de base eurocêntrica. A autora chama atenção para a multiplicidade de espaços de formação de sujeitos e de desenvolvimento de epistemologias, com destaque para a pobreza como espaço simbólico de episteme. Chamando atenção para os perigos de fetichização da pobreza, o que de fato Conceição Evaristo reforça é a importância da valorização desse local de saber como enfrentamento à subalternização da intelectualidade de sujeitos que tiveram formas diversas de educação, valorizando o espaço de partilha de seus conhecimentos, seu *locus* social.

É justamente ao pensar nessa pluralidade de locais, sujeitos e vozes que Djamila Ribeiro, ainda em *O que é lugar de fala?* (2017), reflete sobre o *locus* social como um determinante impeditivo para o acesso do sujeito a determinados espaços. Na construção da teoria do lugar de fala, Ribeiro dialoga diretamente com o *Feminist standpoint* - teoria do ponto de vista feminista, de Patrícia Hill Collins. Para Ribeiro,

a teoria do ponto de vista feminista precisa ser discutida a partir da localização dos grupos nas relações de poder. Seria preciso entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social que emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades e criam grupos em vez de pensar essas categorias como descritivas da identidade aplicada aos indivíduos. (RIBEIRO, 2017, p.63)

Ao refletir sobre a intersecção das desigualdades, nota-se que a teorização sobre o lugar de fala está debruçada sobre as experiências e opressões compartilhadas por um mesmo grupo social, bem como sobre em quais medidas essas experiências resultam na negação do seu direito à fala, e acrescento, à escuta, e à humanização desses mesmos sujeitos. Nesse sentido, o conceito de lugar de fala está relacionado ao lugar que determinado sujeito ocupa, de onde parte a sua fala, e como esse lugar é responsável também pelo olhar que esse mesmo sujeito lança diante de uma condição ou situação. Djamila Ribeiro deixa claro que lugar de fala não tem relação, em absoluto, com a lógica essencialista de que só um sujeito negro

poderia falar sobre o racismo, por exemplo. Mas sim afirma que “quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência” (RIBEIRO, 2017, p.64).

Djamila Ribeiro usa como exemplo duas mulheres que, sendo de raças diferentes, uma negra e outra branca, partilham opressões de gênero de formas e lugares distintos. A teórica busca avaliar quais são as intersecções que atravessam essas sujeitas, nesse caso, a par de gênero e raça, outras questões poderiam ser equacionadas, como classe social, acesso à capital cultural e à educação formal, bem como orientação sexual. Todas essas intersecções seriam formativas do sujeito, integrando-o a um grupo social de partilha dessas mesmas intersecções. Ribeiro tenta, assim, perceber como esse pertencimento, mesmo que não seja fechado em si mesmo, orienta o olhar e a leitura de mundo desse grupo. Assim, optar pela lógica de reflexão sobre a coletividade, para a autora, não significa a anulação das individualidades e singularidades dos sujeitos, mas sim perceber que

essas experiências comuns, resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist standpoint*: não poder acessar a certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. **O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas sim de poder existir.** (RIBEIRO, 2017, p.64. **Grifo meu**)

Por isso, segundo a teórica, todo mundo fala de algum lugar, de um *locus* social, logo, todas e todos têm lugar de fala. Djamila Ribeiro entende a linguagem como mais um mecanismo de manutenção de poder, e reforça a importância de "evidenciar que as vozes esquecidas pelo feminismo hegemônico já falavam há muito tempo. A questão a ser formulada é: por que demoraram tanto a serem ouvidas?" (RIBEIRO, 2017, p. 26). Soma-se a sua indagação o ponto de vista de Grada Kilomba, pois esta escritora também deixa em evidência a necessidade de “escutar por parte de quem sempre foi autorizado a falar.” (KILOMBA *apud* RIBEIRO, 2017, p.78).

Voltando à obra literária de Stella do Patrocínio, a publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (2001) marca, nesse sentido, o momento em que a autora passa a ser reconhecida como sujeito epistemológico, isto é, produtora de conhecimento, e não mais

como objeto de estudo de outrem. Foi justamente a abertura de um lugar de escuta por parte de Viviane Mosé que permitiu que o saber de Do Patrocínio circulasse. Assim, estamos diante de um caso de uso de ferramentas de circulação de conhecimento e prática de desobediência epistêmica como contraposição à colonialidade do saber. Mosé mostra-se uma intelectual-ativista a medida em que faz uso de seu lugar de privilégio epistêmico para mediar a circulação e a projeção da literatura de Stella do Patrocínio, inserindo-a no panorama da Literatura Brasileira.

A obra está organizada em oito partes que representam os múltiplos olhares de Stella para o mundo. Em “Um homem chamado cavalo é o meu nome”, parte um do livro, a autora revela a situação do hospital psiquiátrico, assim como reflete sobre seu próprio encarceramento. Ao construir sua percepção sobre o ambiente hospitalar, Stella problematiza sua própria existência naquele espaço, pensando que, de fato, “estar internada é ficar todo dia presa / Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo / portão (...)” (PATROCÍNIO, 2001, p.55), como podemos perceber no poema a seguir:

Eu estava com saúde
Adoeci
Eu não ia adoecer sozinha não
Mas eu estava com saúde
Me adoeceram
Me internaram no hospital
E me deixaram internada
E agora eu vivo no hospital como doente

O hospital parece uma casa
O hospital é um hospital. (PATROCÍNIO, 2001, p.51)

Note-se a oposição formulada entre saúde e doença, mais do que isso, entre estar saudável e adoecer, logo nos versos iniciais. No poema, somos colocadas diante de um Eu ciente de sua saúde, ciente de que, sem intervenções alheias, esta mesma saúde seria preservada. É na internação em ambiente hospitalar que se consubstancia o adoecimento desse Eu-corpo. Fica evidente também a consciência de ter sido adoecida - “Me adoeceram” - de ser sujeito paciente da ação de outro alguém, ação sofrida que alcança seu ápice no verso “E me deixaram internada”, colocando em evidência o seu sentimento de abandono. Finalmente, ganha tônica a percepção da sanidade de si no verso “E agora eu vivo no hospital como doente”: note-se que ao verbalizar a vivência como doente, e destaco aqui a conjunção comparativa, subjaz uma negação a ser, em verdade, doente. É como se Stella nos afirmasse

viver como doente, mesmo sem o ser. Isto é, estamos diante de um Eu lírico que se nega a assumir-se como doente, denunciando, de fato, um sistema que o força ao lugar da desumanização e do adoecimento. É preciso perceber, também, nos versos finais, o uso do verbo modalizante “parecer”, em “O hospital parece uma casa”. Tal emprego é bastante simbólico, pois conota a visão de acolhimento, metaforizada na casa, que poderia, ou parecia, se estender metonimicamente ao ambiente hospitalar. No entanto, o Eu lírico marca, no verso final, com crueza, que o hospital, em verdade, é tão somente simulacro da casa.

A parte II da obra de Stella do Patrocínio também evidencia a discussão de temas fundamentais à experiência do sujeito em ambiente manicomial. Já agora, é possível notar um olhar comparativo entre si e as demais internas do hospital. Intitulada “Eu sou Stella do Patrocínio, muito bem patrocinada”, a parte dois concentra a marcação da diferença, como afirma-se num dos poemas “Eu sou seguida acompanhada imitada / assemelhada / Tomada conta fiscalizada examinada revistada / Tem esses que são igualzinhos a mim / Tem esses que se vestem e se calçam igual a mim / Mas que são diferentes da diferença entre nós / É tudo bom e nada presta” (PATROCÍNIO, 2001, p.63). Tais versos denunciam a vigilância, a falta de autonomia e a perda do direito à privacidade sofrida pelo Eu-poético no espaço de encarceramento hospitalar, bem como revelam o rechaço desse mesmo Eu à tentativa de homogeneização dos corpos internados, possível de ser percebida em “Tem esses que se vestem e se calçam igual a mim / Mas que são diferentes da diferença entre nós”.

Essa marcação da diferença e percepção sobre a própria individualidade torna-se ainda mais evidente na Parte III, “Nos gases eu me formei, me tornei cor”, do livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Leiamos um dos poemas:

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo
Eu era ar, espaço vazio, tempo
Eu não tinha formação
Não tinha formatura
Não tinha onde fazer cabeça
Fazer braço, fazer corpo
Fazer orelha, fazer nariz
Fazer céu da boca, fazer falatório
Fazer músculo, fazer dente

Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas
Fazer cabeça, pensar em alguma coisa
Ser útil, inteligente, ser raciocínio
Não tinha onde tirar nada disso
Eu era espaço vazio puro” (PATROCÍNIO, 2001, p.82)

Nenhum dos poemas de Stella do Patrocínio recebeu título, tal como o acima transcrito. Neste, é possível perceber a intimidade da poeta com a palavra, explícita, por exemplo, na escolha dos verbos ser, ter e fazer, atuantes no poema como uma gradação cíclica, oscilante, que cresce e decresce. O Eu lírico inicia o poema afirmando o que não é, mas que já foi um dia - gases puro, ar, espaço vazio, tempo. Os primeiros versos nos deslocam para o passado, para a memória. Depois, os versos centrais anunciam justificativas desse mesmo Eu para ser o que era, isto é, são apresentados dois argumentos: não ter formação e não ter lugar para construir a si mesma, para existir. Tais versos são sintomáticos do processo de “mutilação das individualidades e da subjetividade” (ALMEIDA E BONFIM, 2018, p.277) pelo qual passou Stella do Patrocínio em seus 30 anos de encarceramento manicomial. Em outro poema, a autora dará o tom do que é estar sob constante vigilância, afirmando “Você está me comendo tanto pelos olhos / Que eu já não tenho de onde tirar forças / Pra te alimentar.” (PATROCÍNIO, 2001, p.127).

Os demais poemas de Stella estão distribuídos em mais 5 partes, na já mencionada obra *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Em cada uma, fragmentos de olhar são lançados, olhares de Do Patrocínio sobre o mundo (Parte IV), sobre as minúcias do ambiente hospitalar (Parte V), sobre a dura realidade do espaço manicomial, lido pela autora como um zoológico humano (Parte VI), sobre sua desilusão ao perceber que suas falas poéticas não são sinônimo de liberdade do centro psiquiátrico (Parte VII), e finalmente sobre sua própria palavra (Parte VIII). Em um dos poemas da Parte VI, Stella nos dirá que “A realidade é esta folha / Este banco esta árvore / Esta terra / É este prédio de dois andares / Estas roupas estendidas na muralha” (PATROCÍNIO, 2001, p.112), dando conta do palpável, da materialidade das coisas, daquilo que é concreto e tátil.

A obra de Stella segue sendo lida e relida, ganhando novas configurações e formatos. Tal como prova a recente produção audiovisual da poeta e artista Natasha Félix. Em sua conta pessoal do Instagram, Félix publica o vídeo *Muito bem patrocinada - falatórios de Stella do Patrocínio* (FÉLIX, 2020, s/n). No vídeo, a oralização da seleção de poemas de Stella retoma as origens do falatório da autora, posto que, ao suporte em livro, une-se a materialidade da voz e da performance corporal e cenográfica da produção audiovisual de Félix. Recria-se, assim, o falatório de Stella do Patrocínio, com colagens, recortes, espelhamentos, cores e movimentos. Numa obra altamente imagética e visual, nós espectadoras deliramos ao assistir

a performance da forma no vídeo de Natasha Félix.

No capítulo *Máscara*, em *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba afirma que o “ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta” (2019, pp.177-178). Pensando nisso, nas linhas deste texto, foi meu objetivo pensar em como a inserção das falas poéticas de Stella do Patrocínio no espaço literário brasileiro representa uma opção de lógica contra-hegemônica do saber, como nos afirma Boaventura de Sousa Santos, frente a necroprojetos de apagamento de sujeitos que não atendam a padrões hegemônicos de poder.

Dedicamos, assim, nossa escuta às escrevivências (EVARISTO, 2020, s/n) de Stella do Patrocínio, lendo e refletindo sobre de que formas a autora coloca em tensão sua própria vivência como mulher negra em estado de internação psiquiátrica como tecido de sua produção artística. O trabalho poético de Stella do Patrocínio aborda a vivência onde a autora se inscreve, ao mesmo tempo em que registra as suas experiências vividas, (re)materializando a si própria na arte. Assim, entender a autora como sujeita epistêmica é unir-se à luta antimanicomial, anticapacitista, antirracista, anticolonial e anticapitalista, reconhecendo em seu texto poético a matéria que corporifica a fala e presentifica Stella. Stella do Patrocínio, presente!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tereza Virgínia de; BONFIM, Letícia. Stella do Patrocínio e a poética da clausura. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. n.54. Brasília. mai/ago. 2018

CASTRO, Suzana de. Do que estamos falando quando falamos de feminismo decolonial brasileiro? **Revista Cult** - Dossiê: O que é feminismo decolonial? Ano 23, Edição 262, Out.2020

EVARISTO, Conceição; JESUS, Vera Eunice de. A revolução Carolina: Painel FLUP Digital. [Moderado por] Flávia Oliveira. 16 mar. 2020. Rio de Janeiro: Festa Literária das Periferias, 2020. 1 vídeo (1h40min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V7c5IWcB_dQ. Acesso em: 15 abr. 2021.

FÉLIX, Natasha; CHIOMA, Bianca. **Muito bem patrocinada** - falatórios de Stella do Patrocínio. 21 ago. 2020. São Paulo, 2020. 1 vídeo (5min37seg). Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CEKXI7HnN6U/>. Acesso em: 17 abr. 2021

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cabogó, 2019.

KILOMBA, Grada. Descolonizando o Conhecimento: uma palestra-performance de Grada



Kilomba. 03 mar. 2016. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/descolonizando-o-conhecimento-uma-palestra/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter. **A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir**. Traduzido por Cristina Fino. São Paulo: MASP Afterall, 2019.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

PATROCÍNIO, Stela do. Organizado por Viviane Mosé. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. São Paulo: Azougue Editorial, 2001. 160p.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Novos Estudos*, nº79, 2007.

ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. **Stella do Patrocínio**: da internação involuntária à poesia brasileira. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas: São Paulo. 2020. 364f.

ZACHARIAS, Anna Carolina Vicentini. “Procurando Falatório”: a obra poética de Stela do Patrocínio, mulher, negra e louca. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.